

Lição 8: Sobre o movimento local dos ventos

188. Após determinar sobre a geração dos ventos, o Filósofo agora determina sobre seu movimento. Sobre isso ele faz duas coisas: Primeiro, ele descreve seu movimento, em 188; Segundo, ele investiga a fonte de seu movimento, em 189.

Ele diz, portanto, primeiro [194] que, embora a exalação que é o princípio dos ventos seja elevada ao alto em linha reta, o movimento dos ventos não é em linha reta: pois os ventos sopram ao redor da terra de uma direção para a outra, como de leste a oeste, ou vice-versa. A causa de tal curso é que, como dito anteriormente, a região superior do ar é movida circularmente de acordo com o movimento do céu; e embora os ventos não soprem naquele ar superior, como afirmado acima, mas no ar inferior que está abaixo da altitude das montanhas mais altas, no entanto, este ar também participa um pouco do movimento do superior, embora esse círculo não seja completado. Disso resulta que as exalações que movem o ar não o movem para cima ou para baixo (o que a sutileza da exalação aquecida ou o frio da condensada parecem exigir); em vez disso, elas movem o ar obliquamente, como se o ar estivesse sendo afetado por ambos os movimentos. Daí, o curso de um vento não precisa ser sempre para oeste, como é o curso dos céus, mas em uma direção oposta à da exalação que o impulsiona; esta impulsão, no entanto, torna-se oblíqua por causa da influência exercida pelo movimento do céu.

No entanto, o fato de sua obliquidade ser causada pelo movimento de um corpo celeste não torna o movimento do vento não natural. Isso é assim tanto porque os movimentos causados em corpos inferiores pelo corpo celeste são chamados de naturais, embora possam não ser de acordo com a natureza do corpo inferior, como é evidente no fluxo e refluxo do mar — já que os corpos inferiores são por natureza sujeitos aos superiores, e porque tudo o que resulta em uma coisa a partir da causa de sua geração é natural para ela. Daí, como a causa agente dos ventos é o movimento do sol, como foi dito acima, segue-se que a obliquidade do movimento, já que é causada pelo movimento do céu, é natural para ele.

189. Então [195] ele investiga sobre o ponto de partida do movimento dos ventos: Primeiro, quanto a de onde eles começam seu movimento, em 189; Segundo, quanto a como eles procedem desse ponto de partida, em 190.

Ele diz, portanto, primeiro [195] que, como o curso de um vento não é reto para cima ou para baixo, mas oblíquo, alguém se perguntará de onde vem o ponto de partida do movimento de um vento, se de cima ou de baixo. Que o ponto de partida do movimento dos ventos é de cima é manifestado pelo próprio ar, no qual o movimento do vento aparece antes que o vento sopra na terra. Pois, se uma nuvem ou névoa é vista no céu, ela é vista sendo movida pelo vento já presente no ar antes mesmo de atingir manifestamente a terra, como um vento tendo sua fonte de

movimento de cima. Mas como um vento é gerado a partir da massa de exalação seca resolvida da terra, é claro que, embora a fonte de seu movimento seja de cima, no entanto, o princípio material de sua geração é de baixo. A razão para isso é que o movimento de um vento se origina daquele lugar para o qual a exalação seca elevada tende, assim como a chuva começa a descer do lugar para onde o vapor ascendeu. E isso é evidente pelo fato de que o movimento de um vento é mais vigoroso em lugares altos acima da terra; além disso, como a exalação em linha reta é levada para cima, é de lá que o movimento se origina; e em um lugar mais próximo desse começo, há mais chance de vento. No entanto, é claro que o princípio da geração de um vento é da terra.

190. Então [196] ele mostra como os ventos surgem de seu princípio. E ele diz que, assim como as fontes dos rios são coletadas juntas pouco a pouco de vários setores da terra, também um vento é reunido aos poucos a partir de exalações que são misturadas. E ele manifesta isso com dois sinais. Um deles é que os ventos aparecem mais fracos nos lugares em que surgem, mas ganham força à medida que se movem. O outro sinal é que, nas regiões setentrionais, no inverno há calmaria e não há ventos boreais ali; mas à medida que você sai dessas regiões setentrionais, o vento gradualmente aumenta e se torna muito forte.

Finalmente, ele resume o que foi dito — e isso é evidente no texto em [197]. Mas deve-se notar que os ventos que ele aqui chama de "Noti" são os que acima chamou de "austrais".

Revision #2

Created 3 October 2026 23:25:26 by Admin

Updated 4 October 2026 19:04:27 by Admin